

A BUSCA DA EXCITAÇÃO NO LAZER: elementos constitutivos da congada em Catalão-GO

Patrícia do Prado¹

Resumo:

Este texto apresenta elementos para análise da cultura do povo, considerando a festa da congada em Catalão, sua dança e o lazer nela presentes, constituindo vários momentos de transfiguração dos corpos que circulam, dançam e se transformam na dialética da casa e da rua.

Resumé:

Ce texte présente des éléments pour l'analyse de la culture du peuple, en considérant la fête de "congada" à Catalão, leur danse et le loisir en elle présents, en constituant plusieurs moments de transfiguration des corps qui circulent, dansent et se transforment dans la dialectique de la maison et de la rue.

A excitação no lazer, temática contida na obra *A busca da excitação*, de autoria de Elias e Dunning (1992), nos permitiu refletir sobre a congada - pertencente a cultura popular da cidade de Catalão-GO -, e sua relação direta com o lazer. Para os autores, o lazer está associado a busca de excitação agradável ao sujeito, embora com características comuns de uma situação crítica séria. Apesar dos autores centrarem a discussão da excitação a partir do esporte, tido como atividade mimética de lazer, entendemos que é possível analisar a congada com tal característica, pois a dança dos ternos de congo também apresenta momentos de excitação aos dançadores e público que apreciam a cultura local.

INTRODUZINDO A FESTA DA CONGADA

A festa se apossa da rotina e não rompe mas excede sua lógica, e é nisso

que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão.
(Brandão, 1989:9)

Em Catalão, Estado de Goiás, acontece anualmente em meados de outubro uma festa - também chamada congada -, em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, considerada a santa dos pretos. A congada,

¹ Professora do Curso de Educação Física do Campus de Catalão da Universidade Federal de Goiás, UFG-CAC; Especialista em Ética e Filosofia Política, UFU; Mestre em Educação Física, UNICAMP.

possui características comuns a uma festa popular bastante conhecida no Brasil: o carnaval. Isto porque o carnaval pode ser considerado um “momento especial que, guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada” (Damatta, 1997:40), pois caracteriza-se como um ritual² que permite a inter-relação da vida séria com a vida não-séria.

Para Queirós

A festa como evento cultural e social mantém relações com o todo da vida social e pode inserir outras esferas de atuação humana que tanto podem inibir, como desenvolver a vivência festiva. Desse modo, a festa pode representar lazer, trabalho, obrigação social ou política. É necessário entender que estas áreas de atuação do homem na festa, apresentam-se relacionadas, podendo, assim, apresentarem-se associadas, diferenciadas, mas também antagônicas. (2001:62)

Neste sentido, a congada ao permitir que pessoas de uma classe menos favorecida econômica e socialmente representem determinadas figuras como general, rei, rainha entre outros, possibilita a representação de papéis considerados nobres para a sociedade e oculta o pertencimento a determinada classe social, resultando portanto, numa integração social permitida e aceita pela classe privilegiada que detém o poder político e econômico daquela sociedade.

O período anual de realização da festa na cidade constitui os melhores “momentos” de lazer, lucro, devoção e *transfiguração*³. Seus

² Roberto DaMatta, em sua obra *Carnavais, Malandros e Heróis* - para uma sociologia do dilema brasileiro (1997), ao analisar o carnaval e a parada militar como rituais brasileiros, afirma que o ritual constitui uma “dramatização de certos elementos, valores, ideologias e relações de uma sociedade” (p.41).

³ Chamamos de *transfiguração* o momento no qual homens e mulheres passam por uma excitação interna que os motiva a demonstrar o prazer, a alegria, a satisfação, o sentido do sonho realizado ao representar papéis distintos do seu mundo cotidiano por meio dos corpos dançantes e atuantes no desfile da congada. Esta troca de papéis sociais (o homem/a mulher viram rei, rainha, capitão de terno, brincadores, entre outros), promove um estado de satisfação e excitação que fortalece a união dos grupos e da própria congada como um todo, consolidando a englobando a cada ano um número maior de pessoas interessadas em fazer parte deste momento artístico-cultural tendo como alicerce a religiosidade católica. Esta transformação é o que Elias (1992) chamou de excitação na análise do lazer a partir dos efeitos no sujeito que usufrui do esporte.

moradores e transeuntes passeiam e/ou trabalham vendendo e/ou comprando mercadorias nas barracas, rezam o terço na igreja ou na praça, divertem-se e dançam nos ternos de congo pelas ruas. Tudo isso, misturando a cultura *da* rua com a cultura *na* rua, pois segundo Brandão (1989), não é possível entender separadamente a cultura familiar da cultura social; uma é extensão da outra e vice-versa. O que em casa constituem regras de comportamento familiar podem ser extrapoladas no âmbito social, sem a preocupação do sujeito ser aceito ou não pela sociedade na qual interage. A transgressão é possível, mas tem seu espaço e tempo determinados.

Podemos dizer, então, que os conteúdos culturais do lazer⁴, integram-se numa massa aberta⁵ e definem temporariamente as ações dos atores sociais envolvidos na cultura *na/da* rua. Eles invertem seus papéis, representando durante o dia vendedores e, à noite, compradores. Ou, pela manhã, organizadores da festa e à noite, usufruidores dos espaços de diversão. Mas, durante o tempo necessário, são os dançadores e tocadores nos ternos que se transfiguram devotamente à Nossa Senhora do Rosário.

Enquanto massa aberta, estes atores sociais são espectadores, o público em geral. E, na massa fechada, são dançadores e tocadores dos ternos ou devotos durante a procissão. Ao identificarmos a que grupo pertencem, logo percebemos que já estão atrelados a outro grupo social e, assim, buscam formas de satisfação neste espaço de lazer – e de comércio, de política, de religião, entre outros - que é a própria festa e, que não deixa de ser um “encontro familiar” da congada. Este é o espaço concreto da cultura do povo. Identificamos que este encontro familiar da congada pode também ser considerado uma “esfera mimética [pois] constitui uma parte distinta e integral da ‘realidade’ social.” (Elias & Dunning, 1992:116, grifos nossos) A

⁴ Jofre Dumazedier, em sua obra *Lazer e Cultura popular*. Não pretendemos discutir todas as características apresentadas pelo autor para o termo lazer, mas tomamos como nosso o conceito por ele definido, conforme cita Marcellino, em *Lazer e Educação* (1987:30): o lazer constitui um “(...) conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

⁵ Hermano Vianna (*O mundo funk carioca*, 1988) utiliza o conceito de massa aberta, cunhado por Elias Cannetti, para designar um grande grupo de pessoas que tem passagem temporária e imprevisível por determinado espaço, seja no campo do lazer, do social, do político ou do cultural.

atividade mimética reúne a maior parte das atividades de lazer e, portanto, dentre as atividades presentes na festa da congada, a dança dos ternos de congos é nosso principal enfoque.

1. A DANÇA DOS TERNOS DE CONGOS

A partir do conjunto muito simples de passos e movimentos rituais, alguns capitães podem improvisar. No entanto, isso não é comum e mesmo os ternos que modificam núcleos de coreografia, o fazem em momentos bem mais curtos do que aqueles em que dançantes e o terno dançam e evoluem sobre o tradicional.
(Brandão, 1985:102)

A dança dos ternos de congos é comandada por um capitão ou pelo movimento de seu bastão e os passos são simples, ensaiados e realizados coletivamente pelos dançadores. Geralmente, o capitão canta uma estrofe voltado para um lado dos dançadores e estes, repetem o verso em seguida, enquanto o outro lado, toca os instrumentos e vice-versa. Os ternos saem pelas ruas em forma de cortejo e param à porta de algumas casas para visitas. A disposição dos ternos somente é alterada quando cruzam a esquina de duas ruas fazendo evoluções e também, quando ultrapassam a linha do trem, virando-se de costas para a mesma. (Brandão, 1985:100)

Entendemos que neste conjunto coreográfico a transfiguração individual está controlada em forma de passos básicos executados pelos dançadores. Porém, à medida em que o entusiasmo dos tocadores de caixa aumenta e o público presente cresce, a transfiguração, apesar de ainda controlada, evidencia-se com intensidade nos gestos bem demarcados e simétricos dos dançadores. Isto significa que, a transfiguração individual é controlada socialmente não somente pelo capitão, mas pela própria integração do grupo que se harmoniza em busca do movimento simultâneo e da tradição dos passos, caracterizando neste momento, uma transfiguração coletiva.

Podemos dizer que a cena coreográfica acima descrita representa o que Elias (1992) chamou de configuração, ou seja, uma “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras.” (p.25) Portanto, não somente

as esferas econômicas e políticas estão presentes, mas principalmente a esfera das relações sociais permeadas pelo poder (por exemplo, a figura do “capitão” que coordena os dançadores), pois integram uma teia maior, a própria realidade social.

Observamos também, que as transfigurações individual e coletiva também ocorrem na massa aberta, ou seja, no público em geral, que não somente aprecia os ternos, mas é levado a extrapolar os limites de espectador, envolvendo-se e acompanhando o ritmo dos tocadores. Este tipo de transfiguração controlada pela atividade mimética, também é controlada pelo poder político e econômico que integram tais grupos sociais e, portanto, não escapam da imposição das regras sociais e morais impregnadas pela cultura local.

2. A BUSCA DA TRANSGIFURACÃO NO LAZER

As funções específicas do desporto, teatro, corridas, festas e de todas as outras actividades e acontecimentos de uma maneira geral associados ao termo ‘lazer’, em especial de todas as actividades miméticas e dos acontecimentos do mesmo género, têm de ser estabelecidas relativamente a esta ubiquidade e estabilidade de controlo das excitações. (Elias & Dunning, 1992:111-112)

Entendemos que a dança dos congos ou a congada, apesar de caracterizar-se como manifestação popular de fundo religioso, tem em si, o lazer como suporte para manter sua tradição e permitir um certo entusiasmo no dia-a-dia da cidade e de sua rotina séria, assim como dar um impulso financeiro aos comerciantes locais, que ao longo dos anos, identificaram o potencial econômico da festa, assim como barraqueiros vindos de diversas regiões do país que ali se instalam para vender seus produtos. Além disso, apresentam um certo equilíbrio entre o caráter religioso e artístico da congada, fazendo com que as pessoas que não necessariamente sejam adeptas da religião católica participem de algum modo da festa, apreciando-a e integrando-se a ela com caráter de lazer.

Na atualidade, o lazer vem sido discutido na perspectiva de construção do perfil humano, pois é capaz de desenvolver o auto-conhecimento e o desenvolvimento

político-social através de uma prática consciente. Porém, é necessário refletir sobre as formas de entretenimento para a sua concretização, pois a televisão e outros meios de comunicação de massa, que também tem relação direta com a festa da congada – pois a ocorrem reportagens de televisão, filmagens por parte do público e de órgãos públicos que acabam dando um caráter específico à festa - têm sido utilizados como importante veículo de (de)formação da humanidade.

O lazer não se restringe aos aspectos *atitude* (ativo/passivo) e *tempo* (do não trabalho, liberado do trabalho, livre, disponível), mas engloba esses dois aspectos à medida em que se insere na festa da congada, caracterizando uma cultura popular do estado de Goiás. Assim, a arte da dança é considerada um interesse artístico-cultural do lazer.

Entendemos que a congada tem permitido a transfiguração do indivíduo no lazer, ao mesmo tempo em que lhe controla socialmente ao impor restrições quanto a participação nas diversas atividades da festa da congada (dança dos ternos ou congos; toque de caixas⁶; organização do almoço e do jantar oferecidos durante a festa; barracas para venda de produtos diversos; participação na reza de terço). Tudo isso, ao nosso ver, interfere no processo de auto-desenvolvimento e desenvolvimento social promovidos pelo lazer, da qual a festa da congada é constituinte de um universo maior para a busca da transfiguração.

3. A POSSIBILIDADE DE EXCITAÇÃO PRESENTE NA DEVOÇÃO

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo. (Mauss. 1974:217)

Quanto ao aspecto da religiosidade, Elias e Dunning (1992) afirmam que o lazer e a religião apresentam similaridades desde épocas remotas.

Nos primeiros tempos, numerosos tipos de actividades religiosas possuíam funções análogas às que as actividades de lazer têm hoje – várias actividades de

⁶ Nome do instrumento tocado pelos dançadores dos ternos de congos, com aparência e som similares ao conhecido tambor. Este último também é tocado nos ternos.

lazer do nosso tempo, em particular as de tipo 'mimético', possuem funções semelhantes àquelas que alguns tipos de actividades religiosas tinham nesses tempos. (...) Podem observar-se movimentos opostos de equilíbrio deste tipo em certas áreas da vida contemporânea, entre elas no campo do lazer. Novos desenvolvimentos na música e no teatro e novas formas de cantar e de dançar são exemplos disso. (Elias & Dunning, 1992:104-105)

A excitação, portanto, está presente também no ato religioso, pois entendemos que a devoção religiosa - pano de fundo da congada -, é responsável não somente pelo controle social dos sujeitos envolvidos, mas também pela forma com que tradicionalmente servem de seus corpos dentro daquela cultura. (Mauss, 1974). Neste sentido, a herança dos movimentos básicos característicos de cada terno de congo, assim como a forma que se deslocam durante a apresentação, são resgatados e transmitidos para as gerações futuras, permitindo o transcender da transfiguração como esfera do lazer. Para nós,

(...) qualquer movimento humano é um ato técnico, porque possui, segundo Mauss, tradição - é transmitido de geração a geração - e eficácia - em algum nível ele atende às expectativas do grupo, nem que seja em nível simbólico. Em outras palavras, qualquer gesto é uma técnica corporal, porque é uma técnica cultural. (Daolio, 1997:59-60)

Isto significa que o movimento presente na congada é carregado de devoção e de técnica corporal/cultural, pois há um nível de eficácia simbólica, na qual os gestos são compreendidos simbolicamente pelos dançadores e tocadores dos ternos, sob o comando do capitão. E, à medida em que se aproximam da Igreja e dos espectadores, o nível de excitação aumenta, permitindo maior entrosamento no interior do grupo. E a forma de interação do grupo também se caracteriza como controle social, mas de forma implícita às “regras” da congada, mas que não impede a excitação de seus sujeitos.

Em síntese, a participação dos congadeiros produz a tensão elevada que, ao longo do desenvolvimento da congada, transforma-

se em tensão-satisfação, resultando, portanto, na excitação agradável, presente nos vários pedaços da festa: no terno que toca e dança; na barraca de produtos vendáveis; nas preces no interior da igreja; na mesa do bar entre amigos. Isto significa, portanto, que a congada é a síntese da dança, da devoção, do controle social e do lazer, que trazem em si a esfera da transfiguração em qualquer nível de representação de seus atores sociais.

O PRÓXIMO OLHAR...

As pessoas pertencentes ao momento da festa da congada realizada em Catalão-GO representam, além da cultura popular local, uma configuração onde é possível destacar níveis de excitação dos sujeitos envolvidos nos diversos espaços de lazer e devoção presentes no âmbito das massas.

Identificamos que os sujeitos envolvidos na própria festa representam uma tensão equilibrada dos diversos aspectos que a caracterizam, como a devoção, o comércio, a dança, a política, o lazer. Isto significa que, apesar do nível de excitação dos atores sociais⁷ que se situam em cada pedaço⁸ da festa, seus níveis de tensão apresentam-se controlados e equilibrados em busca da tensão-satisfação. Por exemplo, há uma busca pelo consumo ao passear por entre as barracas, ao mesmo tempo em que há um interesse do vendedor em atrair o transeunte com sua mercadoria. Isto não gera tensão ao ponto da violência, mas sim, uma tensão que equilibra a satisfação destes atores sociais mesmo que tenham interesses distintos.

A tensão elevada (Elias & Dunning, 1992) que poderia gerar um certo nível de violência, talvez esteja melhor representada no interior da apresentação dos ternos de congos. Pois, há uma disputa entre os

⁷ Entendemos que o nível de excitação para o lazer é subjetivo, podendo até mesmo ser inexistente em alguns indivíduos em situações distintas.

⁸ Segundo Magnani (1998), o pedaço é constituído por uma certa ordem espacial e pela rede de relações sociais. Em Catalão, podemos dizer que no aspecto ordem espacial está o “núcleo” da festa da congada, cuja praça da Igreja de São Francisco de Assis está ladeada pela Casa do Folclore e tem à frente, o “barracão”, local onde ocorrem leilões para arrecadar fundos para a Irmandade e para a própria Igreja. Quanto a rede de relações sociais, temos a Irmandade que está representada pelos negros e seus descendentes; as famílias “festeiras” que organizam e financiam boa parte da festa; além de outros grupos que se organizam aleatoriamente e que acabam constituindo a rede de relações, como por exemplo, os estudantes que ali se encontram para a paquera e a diversão.

ternos e no seu interior entre seus dançadores e/ou tocadores, para homenagear a santa e “fazer bonito” para o seu povo. Mas, esta disputa não é explícita e sim, ocultada pela devoção, pelo colorido e pela busca dos movimentos coordenados. E o “fazer bonito” nada mais é do que a busca da tensão-satisfação.

Neste sentido, a interdependência apresentada pelos dançadores de ternos de congo, assim como entre as pessoas presentes na festa como um todo, reflete um tipo de lazer que as pessoas presentes naquele espaço optaram por desfrutar. Este lazer não está em oposição ao tempo do trabalho ou quaisquer outras conceituações pertinentes, mas caracteriza-se como a própria configuração da cultura local.

Por fim, nosso interesse recai na possibilidade do leitor dar um novo olhar para a congada como uma manifestação carregada de transfiguração no lazer, na dança e na religião que contribui para o entendimento de algumas manifestações corporais de nossa sociedade que se movimenta... que dança... que se excita... que se transfigura em novos momentos, novos sentidos e novos corpos envolvidos.

Referências Bibliográficas:

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: UFG, 1985.
- _____. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1992.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedraço*. Cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- MAUSS, Marcell. *Sociologia e Antropologia*. Vol.II. São Paulo: EPU, 1974.
- QUEIRÓS, Ilse L.B.G. de. Festa e Dança: vivências lúdicas de lazer. In: *Revista Licere – Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFGM*. Belo Horizonte: UFGM. Vol4. nº1, 2001 (p.61-79).
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.